

Parábolas Para Crianças

CARTA AO PEQUENINO LEITOR

Querida criança:

Aqui está mais um livrinho de história para você. Os heróis destas histórias não são dos nossos dias: têm quase dois mil anos...

Não aparecem aqui Pinóquio nem Branca de Neve com os Sete Anões. Não encontrará você também Aladim com sua lâmpada maravilhosa, nem viajará com Gulliver ao país dos Gigantes. O Pequeno Polegar, o Chapeuzinho Vermelho e o Camundongo Mickey não estão aqui presentes. Nem comparecem as nossas histórias Ali Babá, o Gato de Botas e o Pato Donald...

São outras, bem diferentes, as histórias que você vai ler. Foram contadas pelo Maior Amigo das Crianças. Sei que você conhece esse Grande Amigo... Sim, é Ele mesmo, é Jesus, nosso Divino Mestre.

Também Ele foi criança. Criança meiga e boa, gentil e pura, que encheu de alegria, amor e paz o Lar de Nazaré. Ele amou os pequeninos de Sua pátria, do mesmo modo que continua amando hoje, com ternura e proteção, as crianças do mundo inteiro.

Este livrinho quer mostrar aos seus olhos e ao seu coração de criança as lindas histórias que Jesus Nazareno contou ao povo da Palestina. Têm elas o nome de parábolas. São simples, educativas e belas e, mais que tudo, foram narradas por Aquele cuja vida é a mais linda história do mundo.

A palavra parábola quer dizer "comparação".

Na língua que Jesus falava dizia-se "marshal", que significa uma história, uma ilustração, uma breve narrativa, embora nem sempre signifique só isso.

Estas "Histórias que Jesus Contou" não se destinaram só aos homens da Judéia e aos meninos das praias de Cafarnaum e das colinas de Nazaré. Ele a contou sabendo que ficariam no Evangelho para sempre, para as gerações do futuro, para nós todos. Elas são também para você, sabe?

Não seria possível reunir aqui, num só volume todas as parábolas de Jesus. Várias delas, no entanto, aqui se encontram, expostas numa linguagem a alcance de sua inteligência, para que sua alma, recebendo estas lições do Divino Amigo, se conserve simples e boa, sincera e mansa, generosa e pura. Para que sua vida, querida criança, seja uma permanente oferenda espiritual ao nosso querido Jesus, nosso primeiro e maior Amigo.

Medite nelas, relei-as sempre. Procure entendê-las bem. Rogue ao Mestre Divino, que as contou nas cidades de Israel, que dê à sua mente o perfeito entendimento delas, concedendo também ao seu coraçãozinho as bênçãos da boa-vontade e da perseverança, a fim de que você pratique os sagrados ensinamentos do Evangelho.

Hoje, você é uma criança... Amanhã, crescido será adulto. Que sua alma, filhinho, recebendo desde agora as lições imortais do Senhor, as conserve sem pre nas estradas de luta desta vida e nos caminhos luminosos da Eternidade.

No Grande Além, o Divino Pastor espera todos os corações que O amam e servem, amando e servindo à humanidade, com retidão de espírito e sincero devotamento.

Que Jesus abençoe sua alma de criança! E que você entenda, sinta e aplique os sagrados ensinamentos de Suas Parábolas, que foram contadas também para você...

CLÓVIS TAVARES

CAMPOS, R. J., 5 de abril de 1955.

A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

(Mateus, capítulo 25º, versículos 1 a 13)

A PARÁBOLA DA VIÚVA IMPORTUNA

(Lucas, capítulo 18º, versículos 1 a 8)

A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

(Mateus, capítulo 20º, versículos 1 a 16)

A PARÁBOLA DOS TALENTOS

(Mateus, capítulo 25º, versículos 14 a 30)

A PARÁBOLA DO RICO INSENSATO

(Lucas, capítulo 12º, versículos 6 a 21)

A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

(Mateus, capítulo 18º, versículos 23 a 35)

A PARÁBOLA DA TORRE

(Lucas, capítulo 14º, versículos 28 a 30)

A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

(Mateus, capítulo 21º, versículos 28 a 32)

A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

(Lucas, capítulo 18º, versículos 9 a 14)

A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

(Mateus, capítulo 13º, versículos 24 a 30, e 36 a 43)

A PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

(Lucas, capítulo 15º, versículos 8 a 10)

A PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA

(Lucas, capítulo 13º, versículos 3 a 7)

A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

(Lucas, capítulo 15º, versículos 11 a 32)

A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

(Lucas, capítulo 10º, versículos 25 a 37)

A PARÁBOLA DO SEMEADOR

(Mateus, capítulo 13º, versículos 1 a 9, e 18, a 23)

A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

Naquela noite, dois jovens se casariam.

O casamento seria celebrado à noite, como era costume no tempo de Jesus.

Havia primeiro a cerimônia religiosa, na casa da noiva. Depois, então, a festa do casamento, na residência do noivo.

Os convidados saíam da casa da noiva formando uma procissão. Todos carregavam lâmpadas de azeite ou tochas acesas, porque as ruas eram escuras. Naqueles tempos, você sabe, não havia iluminação a gás nem luz elétrica. A procissão, começando da casa da noiva, se dirigia para a casa do noivo.

Algumas pessoas convidadas, que não puderam assistir ao ato religioso, esperavam, em frente às suas casas, a passagem do cortejo, a fim de se dirigirem à residência do noivo para as festas do casamento.

As cerimônias religiosas demoraram, porém, bastante tempo na residência da noiva.

Dez moças que não puderam ir lá, estavam esperando a passagem do cortejo, quando o noivo, a noiva e os convidados viessem para a casa do primeiro.

Dessas dez moças, cinco eram tolas e desajuizadas. As outras cinco eram prudentes.

Todas sabiam que não era permitido tomar parte na procissão sem suas lâmpadas ou tochas.

As tolas, porque não tinham cuidado, levavam as lâmpadas com pouco azeite, mas, as prudentes levavam as lâmpadas e também umas pequenas vasilhas com azeite.

O noivo estava tardando...

“ Por que estará demorando tanto, a cerimônia religiosa? ” perguntavam as moças, uma às outras.

Sentadas, vencidas pelo cansaço, todas elas adormeceram.

Já era meia-noite, quando alguém, que vinha à frente da procissão, gritou: “ Eis o noivo! Venham os convidados ao seu encontro! ”

As dez moças, então, se levantaram depressa e prepararam as suas lâmpadas, acendendo-as.

As cinco moças desajuizadas disseram, nesse momento, às outras cinco:

“ Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando... Elas têm pouco azeite...”

As prudentes, porém, responderam, com delicadeza:

“ Infelizmente, amigas, não é possível, porque o azeite que temos não chega para nós e para vós. Ide ao vendedor e comprai-o para vos...”

As cinco moças imprevidentes foram fazer a compra, buscando o vendedor naquela hora tardia da noite. E por isso, demoraram bastante...

A procissão passou, as cinco moças prudentes entraram no cortejo e todos chegaram à casa do noivo. Imediatamente foi fechada a porta, como era costume.

Mais tarde, as cinco moças sem juízo chegaram. A porta já estava fechada.

“ Que faremos? ” perguntavam elas entre si.

“ Batamos à porta ” disse uma.

Bateram, gritando:

“ Senhor, senhor, abre a porta para nós!

O noivo, porém, da janela do sobrado, disse para as moças que estavam na rua:

“ Agora não é mais possível... Não vos conheço!

E elas não puderam entrar. Se tivessem sido cuidadosas, estariam na festa juntamente com todos os convidados...

*

Entendeu, querida criança, a grande lição que Jesus nos deixou com esta parábola? Ele a terminou com as seguintes palavras: “Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora”.

Esta parábola é um convite do nosso Divino Mestre para que sejamos vigilantes, isto é, cuidadosos.

Devemos estar sempre prontos para o cumprimento do nosso dever. Devemos estar sempre prontos para responder à chamada de Jesus para qualquer serviço, pequenino que seja, na Seara do Evangelho. Devemos estar sempre prontos para a hora desconhecida em que Ele nos chamar desta vida presente para a vida espiritual.

Isso é que significa vigilância. Cuidemos, pois, de nossas almas com muito zelo. Sejam como as moças prudentes da parábola, que traziam suas lâmpadas e mais as vasilhas de azeite. Devemos trazer nossas almas como lâmpadas sempre acesas, alimentadas com o azeite da Palavra Divina.

Você viu que o azeite, na parábola, não pôde ser emprestado. Assim sendo, cada um de nós deve cuidar de conseguir o próprio azeite para sua lâmpada, isto é, cada um deve cuidar de aperfeiçoar e iluminar seu próprio coração, pois, não podemos chegar a Jesus pelos merecimentos dos outros. É a “lei de esforço próprio” de que tem falado, muitas vezes, nosso grande Benfeitor Espiritual Emmanuel.

Atenção para outro ensinamento, querida criança: Devemos cuidar da iluminação de nossa alma enquanto é tempo. Não procedamos como as virgens sem juízo, que deixaram a compra do azeite para última hora. Por não serem cuidadosas, perderam o direito de entrada às festas do casamento. Se não cuidarmos também, com antecedência, do aperfeiçoamento de nosso Espírito, não teremos ingresso às Moradas Luminosas de paz, de felicidade e de cooperação com Deus.

Pense nessas coisas muito sérias e santas, meu querido menino. E desde agora, “compre” no Evangelho, com as moedas de sua boa vontade e de seu esforço o azeite das Virtudes Divinas para acender a lâmpada do seu coração, preparando-o, cuidadosamente, para os serviços do Bem, com Jesus.

Autor: (Mateus, capítulo 25º, versículos 1 a 13)

A PARÁBOLA DA VIÚVA IMPORTUNA

Havia, numa cidadezinha da Palestina, um juiz que não respeitava nem Deus nem os homens.

Em lugar de dar o bom exemplo, honrando a posição que ocupava, esse juiz zombava de tudo que se referisse às coisas de Deus. Declarava-se ateu e não respeitava as crenças alheias.

Era também injusto nos seus julgamentos. Não procedia corretamente nem no tribunal nem no lar. Era um homem desleal nos seus pareceres e sem bondade para com aqueles que o procuravam, cheios de confiança. O maldoso juiz não tinha boa vontade para atender a ninguém. Muitas vezes mandava dizer que não estava em casa, quando pessoas pobres iam ao seu encontro. Se estava no tribunal, era sempre com má vontade e indelicadeza que atendia os que se aproximavam dele; depois de muito esperarem, era quase certo receberem do juiz um "não" às súplicas mais comoventes e aos pedidos mais justos.

Vivia também nessa cidade uma pobre viúva. Era muito doente e tinha dois filhos menores, que haviam nascido defeituosos. Seu marido, morto num desastre, lhe havia deixado uma pequena casa e uma pequena propriedade numa aldeia próxima. Infelizmente, o sócio de seu esposo era um homem desonesto. E agora, vendo que a pobre mulher, doente e abatida, tendo de cuidar dos filhinhos enfermos, não poderia dirigir a pequena propriedade, o sócio cobiçoso tomou conta das terras, dizendo a todos que comprara aquela propriedade da viúva.

A pobre mulher foi ao encontro do antigo amigo de seu esposo e pediu-lhe que não lhe tirasse aquele pedaço de terra, que era a única fonte de sustento para ela e seus filhinhos doentes. Mas, o homem, duro de coração, não quis atendê-la. E ainda zombou dela.

A viúva resolveu, então, apelar para o juiz.

Todos lhe diziam que era inútil, que o juiz não atendia aos pobres... Ela, porém, não desanimou. Foi à casa do magistrado. Um servo veio dizer que o juiz não estava em casa. Não era verdade isso, pois, ela o vira, minutos antes, à sombra de uma videira, no horto de sua casa.

Humilhada e triste, voltou para o lar, para junto dos filhinhos. Não desanimou, porém. No dia seguinte, retornou à casa do juiz. Outra mentira, e ela não foi recebida. Voltou muitas vezes. Muitas outras o procurou no tribunal, até que, um dia, pôde dizer-lhe:

“ Senhor Juiz, faze-me justiça, pois o sócio de meu falecido esposo se apossou da propriedade que me pertence e que é o sustento de meus filhinhos. Defende-me do meu adversário...”

O juiz prometeu intervir junto do sócio desonesto, mas, nada fez. Outra vez, e mais outra, e várias outras, a viúva incansável procurou o juiz, rogando-lhe que lhe fizesse justiça.

O magistrado estava imensamente aborrecido com aquelas constantes visitas da viúva. Ela o procurava no tribunal e em casa, sempre com o mesmo pedido: “Faze-me justiça contra meu adversário, Senhor Juiz!”

Por fim, ele disse a si mesmo: “Eu não temo a Deus, nem respeito os homens. Mas, essa viúva não me dá sossego, sempre a importunar-me com o mesmo pedido, sempre a suplicar-me justiça... Bem, eu não dou valor à justiça, nem me incomodo com as misérias alheias... mas, para que essa mulher não mais me aborreça, vou fazer-lhe justiça. ...”

E mandou um oficial chamar o homem desonesto. Verificou, conforme a viúva lhe dissera, que ele não tinha direito às terras. Devolveu a propriedade e as plantações à pobre mulher, fazendo-lhe, assim, justiça, para felicidade dela e das pobres crianças.

*

Jesus contou esta Parábola da Viúva Importuna, filhinho, para que nós aprendêssemos “é Ele quem diz “a orar sempre, sem nunca desanimar”.

Ore sempre, meu filho, esperando com toda a confiança as bênçãos do Pai do Céu.

Tudo que você suplicar a Deus, se seu pedido for justo (como o pedido da viúva), pode ter a certeza de que Deus o atenderá, com o amor de Seu divino coração paternal.

Não tenha dúvida, filhinho: toda súplica justa é ouvida e atendida por Deus.

Jesus, depois de contar a parábola ao povo, disse: Recordai as palavras do juiz injusto. Se esse homem maldoso fez justiça à pobre mulher, muito mais Deus fará justiça àqueles que merecerem, aos que lhe pedirem, como a viúva pobre, o que for honesto e justo.□

Não esqueça a lição da parábola. Peça a Deus somente o que for bom e justo. Rogue as bênçãos divinas para você, para seus paizinhos, para os maninhos, para seus parentes, para seus vizinhos, para os pobres, para os doentes, para os órfãos, para os pecadores. Rogue para você e para todos as bênçãos da paz, da luz, da saúde e da fortaleza espiritual. Se você orar, cheio de fé, Deus atenderá você. Talvez não atenda tão depressa como você deseje. Por que será? Será que Deus deseja ouvir muitas vezes o mesmo pedido? Não, filhinho, mil vezes não. Nós é que nem sempre estamos com a mente e o coração preparados para receber a Resposta divina. Por isso, devemos □orar sempre, sem nunca desanimar como Jesus ensinou, a fim de purificar nossa mente e nosso coração para ouvir e sentir as respostas de Deus.

Filhinho: uma alma digna só pede a Deus o que é digno. Uma alma justa só pede a Deus o que é justo. Por isso é que Deus atende os pedidos justos e dignos: as almas dignas e justas MERECEM as bênçãos do Alto.

Existe, meu filho, uma lei do mérito funcionando na Terra e na Eternidade. Se merecermos, receberemos sempre. Procuremos, para nosso bem, merecer, fazendo a vontade de Deus, hoje e sempre...

Autor: (Lucas, capítulo 18º, versículos 1 a 8)

A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

Um homem possuía uma grande vinha, onde colhia bastante uvas.

Um dia, saiu de casa bem cedo para procurar novos trabalhadores para seu vinhedo.

Chegando à praça da cidade, perto de sua casa, encontrou alguns homens sem emprego. Combinou com eles o salário daquele tempo, que era um denário por dia. Os operários, satisfeitos, aceitaram imediatamente o convite e, por ordem do proprietário, seguiram para o trabalho da vinha.

As nove horas da manhã, o vinhateiro voltou à praça, onde havia sempre, como era costume naquela época, pessoas que procuravam serviço. Encontrou mais alguns homens desempregados e disse-lhes:

□ Ide também trabalhar na minha vinha. Eu vos pagarei o que for justo.

E os trabalhadores seguiram para o campo e começaram sua tarefa.

Ao meio-dia, e depois às três da tarde, o vinhateiro voltou à mesma praça e fez o mesmo, contratando novos trabalhadores.

As cinco horas da tarde, pela última vez nesse dia, esteve no mesmo local, onde encontrou igualmente alguns homens sem serviço. Perguntou-lhes, então:

□ Por que estais aqui, o dia inteiro, desocupados?

E os homens responderam:

□ Senhor, aqui estamos porque ninguém contratou nossos serviços até agora.

Respondeu o vinhateiro:

- Ide também vós trabalhar na minha vinha.

Ao anoitecer, o senhor da vinha chamou o administrador e disse-lhe que fizesse o pagamento dos salários aos trabalhadores.

Naqueles tempos, os operários recebiam o pagamento diariamente; esse salário de cada dia era chamado jornal. Por isso, eram chamados também jornaleiros.

□ Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros □
ordenou o vinhateiro.

Foram chamados os que chegaram às cinco horas da tarde e só trabalharam uma hora. E cada um deles recebeu um denário.

E assim, os outros que começaram a tarefa às três horas da tarde e ao meio-dia. Por fim, chegaram os que começaram o serviço pela manhã bem cedo. Pensavam que iriam receber mais (pois viram os trabalhadores da última hora receberem um denário). O administrador, porém, pagou igualmente aos primeiros um denário.

Então, estes começaram a resmungar contra o senhor da vinha, alegando:

□ Estes últimos trabalharam somente uma hora e tu os igualaste a nós, que agüentamos o peso do dia e o calor sufocante.

O proprietário, entretanto, disse a um deles que mais murmurava:

□ Meu amigo, eu não te faço injustiça; não combinaste comigo o jornal de um denário? Recebe, pois, o que te pertence, sem reclamação. Eu quero dar aos últimos tanto quanto dei a ti. Não achas que tenho direito de fazer o que me agrada daquilo que me pertence? Por que sentes ciúme e inveja? Não tenho, por acaso, o direito de ser bondoso?

*

Termina Jesus a Parábola dizendo: □Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão últimos□.

Esta bela história, filhinho, mostra como Deus executa Sua Perfeita Justiça.

À primeira vista, parece que os operários queixosos tinham razão de reclamar contra o vinhateiro, pois eles trabalharam mais tempo que os últimos, que só tiveram uma hora de serviço. Esse, filhinho, é o raciocínio humano, é idéia da justiça humana, que só considera o lado exterior das coisas. No caso da parábola, os operários não tinham direito de reclamação, porque estavam recebendo o salário combinado na praça com seu patrão. Era o salário comum naquele tempo, para o trabalho de um dia. O senhor da vinha havia prometido pagar um denário e cumpriu sua palavra.

Não houve nenhuma injustiça da parte do proprietário da vinha. Ele quis pagar também um denário, isto é, o salário justo, aos trabalhadores de última hora, certamente porque viu que o serviço feito por estes,

nessa única hora, foi feito com boa vontade, amor e cuidado. Ele considerou, não o tempo, mas, a qualidade do serviço feito.

Assim é a Justiça Divina, filhinho. Ela nos recompensará, um dia, na Eternidade, pelo trabalho que fizermos em favor do Reino de Jesus na Terra. A recompensa, porém, será dada, não em consideração ao número de horas de nosso serviço, nem à quantidade do mesmo. Não, meu filho, Deus não olhará o lado exterior, visível, nem o volume de nossas obras. Deus nos julgará pela qualidade de nosso trabalho, pela sinceridade de nossos atos, pela nossa boa vontade no auxílio aos outros, pelo amor, cuidado e dedicação com que cumprimos nossas tarefas. Deus olha a qualidade de nosso trabalho e não as horas de nosso serviço. A Justiça Divina considera nosso coração e nosso caráter, e não nosso relógio e nossa balança.

Que seu serviço, filhinho, na Vinha do Evangelho, agora ou mais tarde, quando você crescer, seja sempre feito com boa vontade, com sinceridade, com amor. Que você não se habitue a reclamações. Que você nunca inveje o que seja dado aos outros, como fizeram os trabalhadores das primeiras horas. Respeite o trabalho e o entusiasmo dos companheirinhos novos, que vão chegando para a Escola de Evangelho e começando a fazer alguma coisa para Jesus. Não sinta ciúme, se eles receberem qualquer atenção, ou provas de bondade, dos professores. A Parábola é uma grande lição contra o Espírito de reclamação, contra a mania das queixas, contra o veneno da inveja.

Que você, filhinho, procure fazer sempre, com boa vontade e humildade, qualquer serviço, pequenino ou maior, que Jesus confia ao seu coração.

Autor: (Mateus, capítulo 20º, versículos 1 a 16)

A PARÁBOLA DOS TALENTOS

Certa vez, um homem rico, grande proprietário, teve necessidade de deixar sua pátria e viajar pôr outros países.

Chamou, então, seus servidores de confiança e lhes entregou seus bens, a fim de que negociassem com as quantias que lhes eram entregues.

Ao primeiro servo deu cinco talentos (*), que correspondem em nossa moeda a mais de cem mil cruzeiros. Ao segundo entregou dois talentos e ao terceiro, um talento.

Ele fez essa distribuição de acordo com a capacidade de cada servidor. E depois seguiu para viagem.

O primeiro foi imediatamente negociar com os talentos e, nos vários negócios que fez, conseguiu ganhar outros cinco talentos.

O segundo fez o mesmo e conseguiu de lucro mais de 40 mil cruzeiros (isto é, outros dois talentos).

O terceiro servidor, porém, em lugar de multiplicar seu dinheiro realizando negócios, como os outros dois, saiu da casa do senhor e foi para sua residência. E, no fundo do quintal, enterrou a moeda de ouro que o grande proprietário lhe havia passado às mãos.

Decorrido algum tempo, o senhor voltou do estrangeiro para sua pátria. Chegando a casa, chamou aqueles servidores para ajustar contas com eles.

Compareceu o primeiro à presença do seu amo. E falou:

▯ Senhor, entregaste-me cinco talentos. Negociei com eles, como ordenaste, e consegui multiplica-los

com meu trabalho honesto, conseguindo outros cinco. Aqui estão, meu senhor, os dez talentos que te pertencem.

Disse-lhe o proprietário, em resposta:

▫ Muito bem, servo bom e fiel. Já que foste fiel no pouco que te confiei, de agora em diante eu te confiarei negócios maiores e mais importantes. Estarás sempre comigo, ao meu lado, e gozarás da minha felicidade e bem-estar.

Chegou o segundo servidor e disse também:

Senhor, entregaste-me dois talentos. Também negociei com eles, como mandaste e consegui multiplicá-los igualmente, com meu esforço honesto, conseguindo outros dois. Aqui estão, meu senhor, os quatro talentos que te pertencem.

▫ Muito bem, servo bom e fiel. Já que foste fiel no pouco que te confiei, de agora em diante eu te confiarei também negócios maiores e mais importantes. Estarás ao meu lado, sempre comigo, e gozarás também, como teu companheiro, da minha felicidade e bem-estar.

Chegou, por fim, o terceiro servidor, que havia recebido um só talento. E disse ao seu patrão:

▫ Senhor, eu te conhecia e sempre soube que és um homem duro e severo, que gostas de colher onde não semeastes e recolhes o trabalho dos outros. Por isso, tive medo de ti e de tua justiça. E, por medo, escondi o teu talento na terra. Mas, hoje desenterrei tua moeda. Aqui está, senhor, o que te pertence.

O proprietário, porém, lhe respondeu:

▫ Servo mau e preguiçoso, por que me ofendes assim? Por que imaginas que eu gosto de colher onde não semeei e me agrada explorar o trabalho alheio? Se assim julgavas, por que não puseste, pelo menos, o dinheiro no banco, para render juros, já que não querias multiplicá-lo com teu trabalho?

E chamando outros servidores de sua casa, continuou:

▫ Tirai-lhe o talento e dai-o ao que tem dez talentos. A todo aquele que tem ainda, mais se dá e ele terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Lançai o servidor inútil fora do meu palácio, onde há lágrimas, fome e revolta, sem as alegrias que provém do trabalho honesto e fiel.

*

Esta parábola, filhinho, é uma imagem do Reino de Deus. Nesse Reino, que abrange o Universo inteiro, cada alma, por mais pobre e pequenina que seja, tem uma determinada tarefa ou missão.

Deus dá a cada um de nós (pai, mãe, jovem ou criança) uma tarefa, maior ou menor, segundo a capacidade de cada alma. Isso é o que significa a distribuição diferente dos talentos (um recebeu 5, outro recebeu 2, outro ▫ 1). Mas, Deus quer que nós multipliquemos os nossos talentos e não que os enterremos, como fez o servidor preguiçoso, que mereceu também o qualificativo de mau.

Nossos talentos, filhinho, são as possibilidades que toda alma possui de fazer algum bem no mundo. Você também recebeu de Deus cinco, ou dois, ou um talento, isto é, você pode fazer algum bem neste mundo: ajudando seus paizinhos, sendo amigo de seus maninhos, sendo prestativo e bondoso para seus colegas, fazendo algum serviço na Escola de Evangelho, auxiliando, conforme suas posses, os pobresinhos, os órfãos, os tristes... Há tantas almas sofredoras e necessitadas no mundo, meu filho!...

Os seus talentos são o seu conhecimento, a sua bondade, o seu dinheirinho do lar, a sua boa vontade para ajudar a quem sabe ou pode menos que você. Tudo que você possui ou sabe é um talento que Deus confiou a ti, a fim de que seu coração e sua inteligência o multipliquem em favor dos pobres, dos sofredores e dos necessitados do mundo.

Não imite o terceiro servidor, querida criança, que enterrou seu talento. Não negue sua cooperação, quando puder prestar um favor. Não deixe de ajudar a mamãezinha nos serviços domésticos. Não negue um auxílio honesto a um colega de estudo. Não gaste todo o seu dinheirinho em gulodices, mas, lembre-se dos orfãozinhos, dos pobres, dos doentes e comece a socorrê-los com suas moedinhas. Existem mil pequeninos serviços de bondade e de delicadeza, mil pequenas tarefas de caridade e de compaixão que você pode realizar na vida, cumprindo sua missão de ovelhinha de Jesus. Não enterre seus talentos, sim?

Se você cumprir seu dever de trabalhar no bem, nas pequeninas coisas, creia que a Parábola se cumprirá na sua vida: o Senhor Jesus confiará à sua alma tarefas maiores no Seu Reino e você gozará de Sua Perfeita Alegria, na grande felicidade de trabalhar com Ele em favor da regeneração de nosso mundo.

Pode crer, filhinho, que não existe felicidade maior do que esta.

(*) O talento, como já vimos na Parábola do Credor Incompassivo, era uma moeda que valia mais ou menos 20.000 (vinte mil) cruzeiros.

Autor: (Mateus, capítulo 25º, versículos 14 a 30)

A PARÁBOLA DO RICO INSENSATO

Havia um homem muito rico, que possuía muitas terras. Centenas de escravos trabalhavam nelas.

Grandes e muitas eram as plantações de trigo. Muito bem preparados eram também os campos em que os escravos cuidavam da cultura do centeio, da cevada e da ervilhaca. Os vinhedos se estendiam pela planície imensa. E os pastos verdes, onde os rebanhos se multiplicavam, iam até as montanhas distantes...

E cada vez mais o homem se enriquecia. Exportava seus produtos para os países vizinhos. Os mercadores de Tiro, de Sidon, de Esmirna e de Damasco estavam sempre em sua casa, realizando e combinando grandes negócios...

O rico fazendeiro havia mandado construir grandes depósitos para suas colheitas. Mas, os celeiros, embora enormes, já eram insuficientes para armazenar os frutos de seus campos de cultura...

Um dia, ele pensou: "Que farei? Os celeiros já estão pequenos... Não tenho mais onde recolher tantos frutos..."

E preocupado com suas colheitas, cada vez maiores, resolveu derrubar os celeiros e construir outros muito maiores...

Mandou chamar os melhores construtores do país e foram edificadas vários celeiros gigantescos.

E o grande agricultor ficou satisfeito quando contemplou, finalmente, as novas e imensas construções em sua rica e bem cuidada fazenda. Agora estava tranquilo. Os celeiros eram enormes e neles caberia toda a produção de seus campos...

Disse aos amigos, aos construtores e aos servos:

□ Agora poderei viver tranqüilo muitos anos... Os celeiros podem armazenar todas as colheitas e tão cedo não será preciso aumentá-los. Posso agora, finalmente, viver sossegado e pensar somente na exportação dos produtos...

E à noite, muito satisfeito, antes de deitar-se, ao invés de orar, raciocinava e dizia a si mesmo: □O alma! Tens em depósito muitas riquezas, para muitos e muitos anos! Descanse, come, bebe, alegrete.

E o rico deitou-se, muito orgulhoso de sua fortuna, confundindo corpo e alma, tão grande era sua ignorância das coisas espirituais... Deitou-se sem um pensamento para Deus. Só imaginava que poderia, daquele dia em diante, viver sem preocupações, pois teria riquezas acumuladas para muitos anos...

Assim pensava o rico, mas, Deus pensava de outra maneira.

O rico pensava que era inteligente, mas, Deus achava que ele era simplesmente um homem sem juízo...

E nessa mesma noite, após a inauguração dos celeiros e os pensamentos de orgulho do rico, Deus disse: Insensato, esta noite tua alma será chamada; e o que tanto juntaste para quem será?

E sem que ninguém soubesse como, nem a que hora, nessa noite o rico morreu, sem um gemido e sem uma prece, no seu leito luxuoso...

Seus planos de tranqüilidade para o futuro foram inúteis. Ele não sabia que o futuro pertence somente a Deus... De nada lhe valeram os celeiros recheados de frutos e cereais. Inútil foi juntar tanta riqueza, sem nunca haver pensado em Deus nem nas necessidades do próximo. Morreu sem fé e sem humildade no coração. Suas riquezas de nada lhe valeram na Pátria Espiritual, porque ele nunca as utilizou para o bem dos outros. O que tem valor na Eternidade ele não possuía, porque nunca havia juntado □tesouro no Céu□, mas, somente na terra...

□Assim é aquele □ diz Jesus, terminando a Parábola □ que, para si, junta tesouros e não é rico para com Deus

*

Compreendeu, filhinho, a Parábola do Rico Insensato?

Ele era um homem avarento: só pensava em juntar riquezas materiais. Só se preocupava em aumentar sua fortuna. Nunca pensou que pudesse ser chamado para a Eternidade, repentinamente. É que ele só confiava no dinheiro. Não pensava em Deus, nem na vida futura, nem nas necessidades dos pobres e dos escravos de sua fazenda. O poder que governa o mundo está nas mãos de Deus, mas, ele pensava que estava na força do seu dinheiro.

Que resultou dessa insensatez, dessa grande falta de juízo? A morte o colheu de repente e seu espírito penetrou no Mundo Invisível nas piores condições, cego e sem luz. Sabe por que? Porque não se preparou espiritualmente para a existência no Além; porque, não havia bondade em seu coração, nem possuía fé em Deus, nem conhecia as leis da Vida Superior.

Triste destino, não acha?

Que a história do rico sem juízo e avarento mostre ao seu coraçãozinho, desde agora, aquilo que Jesus ensinou ao povo, quando contou esta parábola:

é preciso evitar toda a avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância das coisas que possui.

Que você, filhinho, aprenda a ser rico para com Deus. E há de ser, se em lugar da avareza, você cultivar a caridade; se em lugar de riquezas ilimitadas, você buscar enriquecer-se de conhecimento das leis divinas. Assim, você praticará a vontade de Deus, agora e mais tarde, quando você crescer...

Que você seja rico, muito rico mesmo, de fé, de humildade, de amor fraterno, de esperança, de Espírito de serviço, de pureza. Essa são as riquezas de Deus, que valem neste mundo e no mundo futuro □ na Eternidade.

Autor: (Lucas, capítulo 12º, versículos 6 a 21)

A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

Há muito tempo e muito longe daqui, havia um rei que governava um grande e rico país.

Esse rei tinha muitos ministros que se consideravam seus servos, tão grande era o poder de seu grande chefe.

Cada ministro exercia uma tarefa e uma função determinada no governo daquele país.

Um dia, o rei chamou os seus servidores (que eram os tesoureiros e oficiais de sua corte) para fazer contas com ele. Todos teriam que prestar contas ao monarca. Alguns haviam feito empréstimos e era chegada a hora de pagar suas dívidas ao rei.

Chegou, primeiramente, um importante servidor, que era uma espécie de tesoureiro do reino. Feito o balanço, foi verificado que ele devia ao rei a grande quantia de dez mil talentos. (O talento era uma moeda antiga que valia mais ou menos vinte mil cruzeiros). A dívida total do ministro era, pois, de DUZENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS, que ele havia retirado do tesouro real para suas despesas extravagantes de homem pródigo.

Esse oficial gastara no jogo e no luxo essa quantia fabulosa e agora não tinha possibilidade de pagar sua dívida ao rei.

Naquele tempo, as leis dos países orientais ordenavam que fosse vendido, juntamente com sua esposa, seus filhos e seus bens, aquele que não pudesse pagar suas dívidas ou restituir seus roubos. Foi o que o rei fez, O seu ministro não tinha com que pagar o débito, O rei, então, ordenou que ele, sua esposa e seus filhos fossem vendidos para pagamento da dívida.

Ouvindo o julgamento do rei, o grande servidor ajoelhou-se diante dele e suplicou-lhe, entre lágrimas e lamentações:

□ Senhor, tem piedade, tem paciência comigo. Eu trabalharei e te pagarei tudo.

O soberano encheu-se de compaixão por aquele infeliz homem, que gastara loucamente seu dinheiro e agora estava reduzido à miséria. E perdoou-lhe a dívida.

O tesoureiro saiu do palácio real com o coração aliviado pelo perdão de seu senhor. Era agora um pobre, estava reduzido à miséria, mas, estava em liberdade e sentia-se feliz: tinha sua mulher, seus filhos e sua casa. Haveria de trabalhar para viver, trabalharia muito □ pensou...

Não muito longe do palácio, encontrou, no entanto, um pobre servidor do rei, a quem, há muito tempo, ele emprestara a pequena quantia de cem denários, que em nossa moeda correspondem a cerca de

TREZENTOS CRUZEIROS.

O tesoureiro do rei estava na miséria... E ali estava, a poucos passos dele, alguém que lhe devia algum dinheiro...

Esquecendo-se do perdão do bondoso rei, que tivera compaixão dele, o tesoureiro avançou para o pobre homem e, segurando-o pela garganta, sem a menor piedade, foi-lhe gritando:

□ Paga o que me deves... Paga-me os cem denários, já, sem demora...

E, cruelmente, sufocava o pobre servidor do palácio. Este conseguiu ajoelhar-se diante do tesoureiro e, chorando, sem forças, suplicou:

□ Senhor, tem piedade, tem paciência comigo. Eu trabalharei e te pagarei tudo.

Mas, o tesoureiro era um homem duro de coração e não atendeu ao pobre devedor. Esqueceu-se de que, momentos antes, ele estava na mesma situação, com uma dívida imensamente maior e fora perdoado pelo rei... Mandou prender o infeliz companheiro até que lhe pagasse a dívida.

Aconteceu, porém, uma coisa que o tesoureiro não esperava. Alguns oficiais da corte, que assistiram à cena do perdão do soberano, passavam pela rua justamente no momento em que o tesoureiro apertava a garganta do seu pobre devedor e este lhe suplicava inutilmente misericórdia.

Os oficiais ficaram profundamente tristes quando viram o pobre devedor ser levado para a prisão, por uma dívida tão pequena, por ordem de quem havia sido perdoado por uma dívida tão grande. E, imediatamente, voltaram à presença de Sua Majestade para contar-lhe tudo que viram e ouviram.

Então, o rei mandou que seus soldados fossem buscar o tesoureiro. Quando este chegou diante do trono, muito amedrontado e acovardado, o rei lhe disse:

□ Servo malvado, eu perdoei a tua dívida porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, ter compaixão de teu devedor como eu tive de ti? Mas, como és maldoso e não tiveste misericórdia de teu próximo, não mereces a liberdade. Irás para a prisão até pagares tudo que me deves.

*

Termina Jesus a Parábola dizendo, numa advertência que não se deve esquecer: □Assim vos fará também meu Pai Celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas

Entendeu, querida criança, a Parábola do Credor Incompassivo?

O rei representa Deus, que é o Rei do Universo. Ele nos tem perdoado uma dívida imensa. Nossa presença na Terra (nossa atual encarnação) significa um aspecto do imenso perdão de Deus para conosco. Imensa era nossa dívida para com Deus (tal como a do tesoureiro), dívida representada pelas nossas muitas culpas e pecados através de muitas encarnações. Deus nos oferece, agora, o Seu Perdão através de nova oportunidade, nesta atual existência, para nos corrigirmos e buscarmos a perfeição de nossos espíritos. Não se esqueça disso, filhinho.

Lembremo-nos sempre do Perdão Divino, sobretudo quando formos ofendidos por alguém. Por maior que seja a ofensa que alguém nos faça (calúnia, perseguição, intriga, brutalidade, etc.), lembremo-nos de que muito mais temos ofendido a Lei Divina com as nossas rebeldias, nesta vida atual e em nossas existências passadas.

Por maior que seja a maldade que alguém nos faça, saibamos perdoar-lhe essa dívida moral, recordando a parábola. Pensemos assim: qualquer ofensa, por maior que seja, não passa de cem denários (trezentos cruzeiros), se ela pudesse ser calculada em dinheiro. E pensemos também, filhinho, usando a mesma comparação, que nossa dívida para com Deus é infinitamente maior: é de dez mil talentos (DUZENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS)!...

Saibamos perdoar sempre, qualquer que seja a ofensa, que é sempre pequena comparada com as ofensas que temos feito à Divina Majestade de nosso Rei do Céu.

Perdoemos sempre, querida criança, nunca esquecendo as misericórdias de Deus. Ele sempre semeou bênçãos auxiliadoras sobre nossos espíritos culpados, oferecendo-nos novas oportunidades de reparação e progresso. Imitemos nosso Pai do Céu e não o tesoureiro da Parábola. Entendeu tudo, filhinho?

Autor: (Mateus, capítulo 18º, versículos 23 a 35)

A PARÁBOLA DA TORRE

Certa vez, um fazendeiro quis construir uma torre, a fim de defender sua propriedade. Assim se fazia antigamente, nos tempos de Jesus. No alto da torre ficavam os vigias; a torre tinha outras utilidades também.

Vários amigos o animaram na construção da pequena fortaleza. Dizia-lhe um, muito animado, que começasse imediatamente a lançar os alicerces.

Outro companheiro, também muito otimista, lhe disse que nada deveria temer, pois quem muito pensa e muito teme nada consegue fazer.

Outro amigo, igualmente entusiasmado, o animou a iniciar logo a construção da torre, afirmando-lhe que o ajudaria com o trabalho e lhe daria uma parte das pedras necessárias.

O fazendeiro, porém, não começou logo a construir a torre. Pensou primeiro e primeiro fez o cálculo das despesas da construção. Procurou saber, antes de tudo, o preço das pedras, dos tijolos e de todo o material necessário para a edificação da sua pequena fortaleza. Buscou saber, também, quanto teria que pagar aos operários e ao mestre construtor, que era um arquiteto estrangeiro. Depois de tudo examinar com cuidado e exatidão, depois de verificar que as despesas estavam ao seu alcance, resolveu contratar os trabalhadores, comprar o material e iniciar as obras.

Os amigos criticaram o fazendeiro pela sua demora. Mas, ele lhes explicou que tudo na vida tem um preço. E que ele, para ser honesto, só poderia fazer o que fez: calcular primeiramente as despesas da construção, a fim de não dar prejuízo a ninguém.

“ Meus amigos ” disse o fazendeiro “ eu sou um homem de responsabilidade. Não posso prejudicar a ninguém e tendo de zelar pela honra de meu nome. Se eu começasse a construção da torre sem fazer os cálculos que fiz, poderia não ter recursos para terminar a obra e todos zombariam de mim. Diriam: “Este homem começou a edificar e não pôde acabar”. E que significaria isso, se tal acontecesse? Todos diriam que eu sou um homem sem juízo, que se pôs a fazer o que não podia, causando prejuízo aos outros. Mas, graças a Deus, não procedi assim; fiz os cálculos, vi que poderia construir a torre e... ei-la pronta!

O fazendeiro mostrou, então, a bela torre aos seus amigos animados, mas, apressados. Todos ficaram muito contentes, porque a pequena fortaleza poderia defender com segurança as propriedades do sábio e honrado fazendeiro. Além disso, seus amigos compreenderam a grande lição...

Que grande lição é esta, querida criança?

E a seguinte: todas as coisas, neste mundo e na Eternidade, têm um custo exato. Tudo tem seu preço na vida. Preço material, representado pelo valor em dinheiro, ou preço espiritual, que significa outro valor — valor moral —, diante de Deus.

Compreende bem isso, filhinho? Veja, então:

Você sabe o preço de seus livros, sabe o preço do sorvete, sabe o custo da bola e do lápis. Todas essas coisas têm um custo. Se você quer um sorvete, tem que saber primeiro se pode pagar o custo dele. Se pode, você o compra. Antes de comprar a bola, você busca saber quanto ela custa, se você possui o dinheiro suficiente, você pode adquiri-la.

Assim também, querida criança, são os valores espirituais para quem quer seguir a Jesus. Se você quer ser bom, se quer ser honesto e digno, se quer ser um verdadeiro discípulo do Evangelho, você tem que —pagar— alguma coisa por isso. Mas, não é pagar dinheiro. O dinheiro não compra virtudes.

As virtudes, os valores morais, as qualidades superiores da alma são conquistadas pelo esforço no bem, com a renúncia do mal. Eis aí o preço: você tem de se esforçar muito e abandonar tudo que prejudica seu progresso espiritual.

Se você der todas as suas forças para tornar-se bondoso, honesto, cumpridor dos seus deveres; abandonando os maus costumes, os vícios, não acompanhando os maus exemplos, você estará construindo sua torre (que significa seu valor moral, o aperfeiçoamento espiritual).

Para sermos cristãos verdadeiros, filhinho, é preciso que paguemos o preço do esforço e da renúncia. Esforço no caminho do bem e renúncia de tudo que prejudica nosso espírito.

Examine sua alma. Pense no que você é. Faça os cálculos de seus valores morais e de seus defeitos, tal como fez o construtor da torre. Analise, num exame de consciência, seu próprio espírito, filhinho. Faça isso sinceramente. Pergunte a você mesmo:

— Gosto mais de estudo ou da vadiagem?

— Gosto mais das coisas de Deus ou das inutilidades do mundo?

— Quero ser mesmo um seguidor de Jesus? Ou tenho ambições de grandeza terrena?

— Sou honesto nos meus negócios ou não me incomodo de prejudicar os outros?

- Sou vingativo ou perdoador? Sincero ou mentiroso? Obediente ou rebelde? Humilde ou orgulhoso? Cumpridor das minhas tarefas ou preguiçoso? Reconhecido aos meus benfeitores ou ingrato?

Se você reconhece que ainda é um menino que tem muitos defeitos, procure corrigir-se, filhinho. Renuncie ao mal, abandone o que mancha sua alma, largue o que impede seu progresso, recuse o que ofende a Deus e a consciência. Com seu esforço, —compre— no Evangelho os bens materiais de construção, as —pedras— do bem e da sabedoria de Jesus. Proceda como o fazendeiro da parábola e você edificará uma torre de virtudes no seu coração.

Tenha a certeza de que Jesus, que é o Mestre Construtor de nossas vidas, abençoará seu esforço

no bem e sua renúncia ao mal. E ajudará sua alma. Sua torre espiritual será, para sempre, a poderosa fortaleza de seu Espírito.

Autor: (Lucas, capítulo 14º, versículos 28 a 30)

A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

Um homem tinha dois filhos. Ambos viviam com seu pai numa vinha que pertencia à família.

Um dia, pela manhã, o pai chamou o menino mais velho e disse-lhe:

▫ Meu filho, hoje não irás ao mercado da vila. Já fiz todas as compras necessárias. Vai trabalhar na vinha.

O jovenzinho, que era tido como um modelo de menino educado, pelas atenções que dispensava a todos, respondeu com toda a delicadeza a seu pai:

▫ Sim, meu pai, já vou.

A verdade, porém, é que prometeu, mas não foi. Desejaria ir ao mercado, mas não trabalhar na vinha, colhendo cachos e mais cachos de uvas. Ficou intimamente aborrecido com a ordem do pai, mas, não quis desrespeitá-lo com palavras. E pensou consigo mesmo: ▫Desejaria tanto ir ao mercado hoje... Lá me encontraria com Joel e Davi... E meu pai me mandou catar bagos na vinha... Não, não irei. Disse que iria, mas não vou... Não, não vou mesmo...

E não foi.

Na mesma hora, também, o pai chamou o filho caçula, que era o desobediente da casa. Muito rebelde, era considerado pelos vizinhos ▫uma pestezinha▫, o oposto do irmão mais velho.

O pai chamou-o, também, e disse-lhe:

▫ Meu filho, não terás que acompanhar teu irmão ao mercado hoje. Já chegaram as compras que fiz. Vai trabalhar na vinha.

O menino, que era muito impulsivo, respondeu com muita aspereza ao pai:

- Eu, não... Não quero trabalhar na vinha...

E correu. Entrando, instante depois, em seu quarto, arrependeu-se das palavras brutas que disse ao paizinho tão amigo e voltou a sala para pedir-lhe perdão. E foi, com a consciência tranqüila, colher os cachos de uva nas lindas videiras de seu pai.

*

Jesus contou esta Parábola dos Dois Filhos, em Jerusalém, aos sacerdotes que duvidaram de Sua Missão e que não se arrependeram com as pregações de João Batista. E é aos mesmos sacerdotes que Jesus pergunta, ao terminar a parábola:

▫ Qual dos dois filhos fez a vontade do pai?

▫ O segundo.

E Jesus lhes disse:

□ Em verdade vos digo, que os publicanos que roubam e as mulheres que pecam entrarão no reino de Deus antes de vós. Porque João veio, exemplificando a justiça e a vontade de Deus, e os pecadores o ouviram e se arrependeram de seus pecados, começando uma vida nova. Mas, vós, que também ouvistes João, não vos arrependestes nem crestes nele.

*

Entendeu, querida criança, a Parábola dos Dois Filhos?

O filho mais velho era um menino de bons modos, muito educado, atencioso, de finas maneiras. Era considerado por todos um modelo de perfeita educação. Respondia e falava sempre com muita cortesia e não magoava a ninguém com palavras. E assim procedeu para com seu pai. intimamente, porém, era um rebelde, que só fazia o que desejava, só gostava de atender à própria vontade e aos próprios caprichos. Respondeu com delicadeza ao pai, mas, não obedeceu a ele. Era um rebelde □invisível□.

O segundo, o caçula, não tinha as maneiras polidas do irmão. Era, muitas vezes, áspero de linguagem, mas, no fundo, não era mau nem revoltado. Sabia reconhecer seus erros, pedia perdão de suas faltas e acabava fazendo a vontade de seu pai.

No caminho de nossa perfeição espiritual devemos proceder como o segundo menino da história. De nada nos valerá conseguir a aparência de pessoa educada, caridosa e cristã, se interiormente não desejarmos fazer a vontade de Deus.

O menino mais velho é o símbolo das pessoas que aparentam muita decência, delicadeza e fé, mas, praticamente são desobedientes à moral e à lei de Deus.

O menino caçula é o símbolo da alma que é habituada ao erro e aos maus costumes, à desobediência e à indelicadeza, mas, que reconhece seus erros, arrepende-se sinceramente, pede perdão de suas faltas e depois faz o que devia fazer, obedecendo à vontade de Deus e não aos seus caprichos.

Que você, querido filho, tenha a facilidade do caçulinha da parábola para arrepender-se de suas faltas. Faltas para com o papai amigo, para com a mãezinha bondosa, para com os maninhos que Deus lhe deu...

Busque acima de todas as coisas da vida, em todas as situações e em todas as horas, fazer a vontade do Pai do Céu, sem discussões e sem rebeldia. A Vontade de Deus é Sempre o Bem, a Paz e a Verdade.

Que você diga sempre a Deus: □EU VOU, MEU PAI DO CÉU□ e vá mesmo. Você colherá as lindas uvas da paz e da sabedoria do Alto, da bondade e da verdade eternas. E pelo amor que obedece, você estará com Deus para sempre...

Autor: (Mateus, capítulo 21º, versículos 28 a 32)
A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

Um dia, dois homens subiram as escadarias do Templo de Salomão para fazer suas preces.

Um deles era um fariseu e outro era um publicano.

Antes de contar a história desses dois homens, explicaremos alguma coisa a você.

Os fariseus eram homens religiosos, que viviam no tempo de Jesus. Eram muito orgulhosos e se con-

sideravam perfeitos por cumprirem as determinações da sua religião. Gostavam de discutir sobre assuntos espirituais. Consideravam suas interpretações como as únicas certas. Eram vaidosos pela antigüidade de sua seita religiosa. Tratavam os partidários das outras crenças com ódio e desprezo.

Achavam que "religião" era somente a prática de cerimônias nas suas igrejas (que eram chamadas sinagogas; templo só havia um, o de Salomão, em Jerusalém). Eram, quase sempre, cheios de vícios e erros, mas, fingiam por palavras e atitudes que eram corretos e santos.

Os publicanos eram os cobradores de impostos. No tempo de Jesus, a Palestina pertencia ao Império Romano. Por isso, os judeus pagavam impostos ao Imperador. Os publicanos eram, em geral, judeus que exerciam essa profissão: cobravam impostos de seus compatriotas em favor do Império de Roma. Aproveitavam-se, muitas vezes, da sua função para impor multas desonestas, roubando o povo. Por isso, eram geralmente odiados e tidos como ladrões.

*

Voltemos, agora, à nossa história.

Um fariseu e um publicano subiram ao Templo para orar.

O fariseu fazia sua oração, dizendo:

"Ó meu Deus, eu Te agradeço muito, porque não sou semelhante aos outros homens, que são ladrões e injustos. Agradeço-te porque não sou como este publicano indigno que está ali adiante... Ó Senhor, todas as segundas e quintas-feiras eu jejuo, recordando a subida de Moisés ao Monte Sinai e sua descida com as Tábulas da Lei. Dou o dizimo(*) de tudo quanto ganho nos meus negócios...

O publicano estava a alguma distância do fariseu. Não tinha coragem nem de levantar os olhos ao Céu, pois estava profundamente arrependido dos furtos que cometia ao cobrar os impostos. Também orava, mas, sua prece era muito diferente da oração do fariseu orgulhoso.

Dizia o publicano na sua prece: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, que sou um miserável pecador!

*

Que foi que aconteceu depois dessas duas orações?

Preste atenção, filhinho: Deus ouve todas as preces que nós Lhe fazemos. Mas, nem a todas Ele responde. A prece do, fariseu era uma declaração de orgulho; nem merecia ser chamada prece. Deus não atende aos orgulhosos.

A oração do publicano é o grito de uma alma arrependida de seus pecados. E é justamente isso que Deus deseja: que nós reconheçamos nossos erros e nos emendemos, buscando o caminho do bem. Por isso (é Jesus quem diz no Evangelho), Deus atendeu à oração do publicano e o justificou, isto é, deu-lhe novas forças para que ele se corrigisse e caminhasse honestamente na vida.

Encerrando a Parábola, disse Jesus: "Todo aquele que se exalta (isto é, que se torna orgulhoso) será humilhado; mas, o que se humilha, será exaltado".

*

Entendeu bem, meu filho, o significado espiritual da Parábola do Fariseu e do Publicano?

O fariseu não teve sua oração atendida por Deus por causa do orgulho e dureza de coração. Em lugar de suplicar as bênçãos de Deus para sua alma, ele, cheio de orgulho, desprezou os outros, considerando-se muito digno. Demonstrou ignorar a Sabedoria de Deus, pois apresentou ao Pai Celestial uma lista das coisas que fazia, como se Deus não soubesse de tudo que acontece.

O publicano, ao contrário, foi humilde e sincero. Reconheceu, diante de Deus, que era um pecador e pediu perdão de suas faltas e culpas. Por isso, foi ouvido por Deus, que Lhe deu novas forças espirituais.

Que você, filhinho, nunca proceda como o fariseu da Parábola. Nunca se considere superior aos seus companheiros. Não se julgue melhor que seus irmãozinhos, nem mais inteligente que seus colegas. Nunca pense que você é mais puro ou mais digno que seus companheiros da Escola de Evangelho. Nunca fale de suas vitórias, nem de valores que você julgue possuir: o fariseu é que fez isso.

Não pense também nas boas coisas que você já realizou. Pense no bem que você ainda pode e deve fazer. Para que você nunca se orgulhe de nada que sabe ou possui, olhe o exemplo dos Grandes Missionários de Deus que passaram pelo mundo. Veja como a sua vida é pobrezinha em comparação com a deles. Não fique desanimado com isso. Você deve imitá-los, mas não se considere justo nem perfeito ainda.

Convém, que você, diante de Deus, com a humildade do publicano, conte ao Pai do Céu, com toda a sinceridade, suas faltas, seus defeitos e seus pecados. Faça tudo isso em oração. Honestamente e sincera-mente. E Deus olhará para você com o mesmo amor com que abençoou o publicano. Dará a você novas forças, novos pensamentos, novas bênçãos. E você há de ser uma criança realmente bondosa, sincera, humilde, obediente — uma alma verdadeiramente cristã!

(*) Dízimo — quer dizer — a décima parte—. Era a contribuição da décima parte das colheitas ou rendimentos, que os judeus pagavam.

Autor: (Lucas, capítulo 18º, versículos 9 a 14)

A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

Um semeador, durante todo o dia, semeou grãos de trigo no seu campo.

Ao por do sol voltou para casa, cansado, mas, feliz por haver realizado sua missão de trabalho. Semeara trigo e estava contente porque aquele trigo seria, em breve, transformado em pão, para alimento de muita gente.

Porém, esse homem tinha um inimigo que invejava suas plantações. O inimigo era mau e queria, a todo custo prejudicar as sementeiras do fazendeiro.

«Que farei?» — pensava o inimigo. E teve a idéia maldosa de semear pequenas pedras no campo de trigo; mas, poderiam ser retiradas e seu ódio não ficaria satisfeito. Resolveu, então, semear joio onde o trigo havia sido semeado. Foi esse o plano maldoso do inimigo do semeador.

O joio é uma planta muito parecida com o trigo, mas, não serve para a alimentação do homem, podendo até envenená-lo. Eis porque o inimigo do fazendeiro quis fazer a mistura do joio com o trigo no campo, visando prejudicar a colheita e causar males aos que se alimentassem do produto daquele campo.

O inimigo fez o que pensou. Durante a noite, enquanto o fazendeiro e seus trabalhadores dormiam, o homem maldoso entrou no campo e semeou joio no meio do trigal. Completada sua obra de ódio e

ruindade, ele se retirou, cuidadosamente.

Algum tempo depois, quando as espigas de trigo já surgiam no campo, apareceu também o joio.

Então, os trabalhadores foram dizer ao fazendeiro o que haviam visto no campo:

▯ Senhor, não semeaste no campo somente boas sementes? Por que, então, está nascendo joio no trigo?

O fazendeiro já havia descoberto tudo e respondeu aos servidores:

▯ Foi um inimigo que fez isso...

Os trabalhadores lhe perguntaram:

▯ Senhor, queres que vamos, agora mesmo, arrancar o joio?

O senhor, porém, lhes respondeu com uma explicação:

- Não é possível fazer isso agora. Vocês sabem que o joio é muito parecido com o trigo.

Se vocês quiserem arrancar o joio, que foi plantado junto com o bom grão, arrancarão também o trigo, pois as raízes de ambos muitas vezes se entrelaçam. Deixem que cresçam juntos o joio e o trigo. Na época da ceifa, eu direi aos ceifeiros que colham primeiro o joio e o atem em feixes para queimá-lo; e depois juntem o trigo no meu celeiro.

*

Esta Parábola do Joio e do Trigo, Jesus a contou ao povo da Galiléia. Seus discípulos estavam presentes, mas, não a entenderam. Quando Jesus chegou à casa de Simão Pedro, os discípulos lhe pediram que lhes explicasse a parábola.

E o Divino Mestre interpretou-a com muita simplicidade.

Que você, meu querido menino, preste atenção para entendê-la também. Eis a explicação de Jesus:

O Semeador, é Ele mesmo, Jesus, que semeia a boa semente.

O campo é o mundo, Terra onde vivemos.

A boa semente são os filhos do Reino, isto é, são as almas que ouvem o Evangelho e fazem todos os esforços para compreendê-lo e praticá-lo.

O joio são os filhos do Maligno, o que quer dizer, as almas que não querem ouvir as leis divinas nem as cumprir, mas, buscam os maus caminhos do vício, da maldade e do pecado.

O inimigo, que semeou o joio, é o Diabo, palavra que traduz as Forças do Mal, os Espíritos das Trevas, que lutam contra a obra de Jesus, induzindo as almas ao crime, ao pecado e à injustiça.

A ceifa é o fim do mundo, isto é, a época da regeneração da Terra, quando o nosso planeta deixar de ser um mundo de expiação e de provas para ser elevado à categoria de mundo de regeneração, com o surgimento do Reinado de Jesus entre os homens.

Os ceifeiros são os anjos. A palavra anjo quer dizer mensageiro. Os ceifeiros serão os Mensageiros da Luz, verdadeiros chefes invisíveis da humanidade; são os Grandes Espíritos que, em nome de Deus, dirigem os nossos destinos e vão presidir a transformação do mundo.

Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será também na época da Grande Regeneração em nosso mundo. Haverá uma verdadeira separação das almas obedientes das rebeldes. Os que desejam sinceramente o caminho do Bem e da Justiça serão distanciados daqueles que, por gosto próprio, preferem o caminho da maldade e da injustiça.

Os Grandes Espíritos presidirão a essa separação, que não está longe de ser feita. Todos os que cometem escândalos, maldades, injustiças serão destinados aos mundos inferiores, onde serão purificados pelo fogo da dor e da expiação. Nesses mundos inferiores (que são o inferno de que fala o Evangelho), as almas rebeldes sofrem imensamente. Mais tarde, você vai ler os livros de André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier, e verá como é triste o destino das almas que se colocam contra as leis de Deus.

Outro, bem diferente, é o destino dos justos, das almas obedientes e fiéis. Disse Jesus: "Elas brilharão como o sol, no Reino de Deus". Aqueles que, neste mundo, buscarem fazer o bem aos semelhantes e cumprir os mandamentos divinos, serão, na Eternidade, Espíritos bons e dignos, seres felizes, belos e resplandecentes. Eis a recompensa que Deus destina aos Seus filhos bondosos e fiéis.

*

Entendeu, filhinho, a Parábola do Joio e do Trigo?

Medite bem nela. Seja no mundo a semente de trigo, crescendo sob as bênçãos de Deus, para se transformar numa espiga loura e bela. Seja um filho do Reino, sempre obediente à Lei Divina.

Não permita que as Forças do Mal - Espíritos das Trevas -, lancem no seu coraçãozinho o joio da rebeldia e da maldade, dos pensamentos pecaminosos e indignos.

Salomão já ensinava, há três mil anos: "Acima de todas as coisas que se devem guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Provérbios, 4:23).

É uma grande verdade, meu filho. Guarde o seu coraçãozinho para o Divino Semeador. Receba somente as sementes do trigo celeste, que são os ensinamentos de Jesus e as inspirações do bem.

Autor: (Mateus, capítulo 13º, versículos 24 a 30, e 36 a 43)

A PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

Uma pobre mulher tinha dez dracmas. Era toda a sua riqueza...

A dracma era uma pequena moeda grega, que tinha valor também na terra de Jesus, pois muitos filhos da Grécia lá viviam e usavam essa moeda.

A pobre mulher possuía dez moedinhas gregas.

Guardava-as com cuidado, pois era zelosa de seus deveres e aquela pequena quantia estava destinada ao pagamento de suas despesas no lar.

Ela não ficou sabendo como, mas, a verdade é que, quando abriu o cofrezinho, onde guardava o

dinheiro, só encontrou nove moedas. Para onde teria ido a que faltava?

Acendeu a candeia de barro e procurou-a em sua casinha. Remexeu as roupas, arrastou a pequena mobília e buscou a vassoura. Varreu toda a casa, em busca da moedinha que lhe era tão útil e necessária. Finalmente, depois de muito procurar e muito varrer, encontrou sua dracmzinha perdida.

Que alegria! Agora poderia pagar todas as suas pequenas dívidas... Não estava mais preocupada: achou sua moedinha desaparecida e novamente a colocou junto das outras nove, na caixinha de madeira.

Ficou tão contente com o encontro, que contou o caso às suas amigas vizinhas que também eram pobres, e para quem uma pequena moeda fazia igualmente muita falta.

E dizia às suas vizinhas:

- Minhas amigas, alegrem-se comigo, porque achei a minha dracma que se havia perdido.

Assim também □ diz Jesus no Evangelho □ há muita alegria entre os anjos de Deus quando um pecador se arrepende dos erros cometidos.

*

Esta parábola, filhinho, como as duas anteriores □ do Filho Pródigo e da Ovelha Desgarrada □ também quer levar nossa alma ao arrependimento de nossas faltas. A história nos mostra que existe um Deus de Bondade que quer salvar-nos de nossos erros e pecados.

Se uma pobre mulher, ao perder uma pequena moeda, se esforça para encontrá-la e não descansa enquanto não a acha, também Deus, meu filho, nos procura, sem cessar, nos quartos escuros de nossas vidas. Também Deus acende uma candeia e nos ilumina, pois, nós somos Suas □dracmas perdidas□. Ele quer encontrar-nos, Ele nos quer para Si Mesmo, para o seu Reino, para a Felicidade Eterna que nos reserva.

É por isso, filhinho, que o Céu tanto se preocupa em iluminar a Terra. É por isso que Deus possui um imenso exército de Benfeitores Celestiais □ que são os Bons Espíritos, os Espíritos da Luz e do Bem □que, incessantemente, nos inspiram seus bons pensamentos, ajudando-nos sempre e ensinando-nos a Vontade Divina em suas mensagens.

Os Benfeitores Espirituais são como que as candeias de Deus. E nós as dracmas perdidas. Nós estamos no chão, na poeira de nossos erros, longe da Luz e da Verdade. Mas, os Benfeitores Espirituais, as candeias de Deus, nos iluminam. Se nós nos entregarmos em suas mãos, se aceitarmos sua Luz e nos arrependermos sinceramente de nossas faltas, eles nos tomam sob sua guarda □ eles nos □acham□ □ e se alegram muitíssimo com a nossa regeneração. Há, então, muita alegria no Céu, entre nossos Benfeitores Espirituais, porque nossas almas saíram da escuridão do erro, aceitaram a Luz da Verdade e voltaram para as mãos de Deus.

Que você, querida criança, pense bem, medite sinceramente sobre esta parábola. Se você se sente uma □dracmzinha perdida□ (isto é, se você reconhece seus defeitos e imperfeições), não se esconda da Luz da Verdade, que está em Jesus Cristo. Deixe que os Mensageiros Divinos, que são as Lâmpadas do Céu, □achem□ você, para fazer de sua alma arrependida uma alma pura, bondosa e obediente a Deus.

Se você proceder assim, dará muita alegria a eles e será imensamente feliz.

Autor: (Lucas, capítulo 15º, versículos 8 a 10)

A PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA

Nos campos da Palestina, a terra onde Jesus nasceu, havia um homem que tinha cem ovelhas.

Era um pastor, pois ele mesmo as apascentava.

Com muito cuidado e bondade levava suas ovelhinhas aos lindos campos, onde havia bom pasto para elas. Levava-as também às fontes, onde elas encontravam água fresca e limpa.

O pastor era muito carinhoso e bom, e suas ovelhas o seguiam confiantes.

Um dia, uma ovelhinha fugiu do rebanho. Que teria pensado ela, para assim abandonar o pastor e suas irmãzinhas?

Certamente pensou que, além daqueles pastos onde vivia, havia pastagem melhor e mais rica. Pobrezinha! Não pensou nos perigos que poderia enfrentar longe do seu pastor. Não pensou que poderia encontrar, numa noite qualquer, sozinha, algum lobo ou alguma hiena que a devorasse. Não, a ovelhinha não pensou nos perigos... Pensou que era melhor ser sozinha, ser livre, correr pelos campos e pelas pastagens, solta, sem a vigilância de seu dono e sem a companhia de suas irmãs. E fugiu...

Correu muito, para livrar-se do pastor e para não ser vista pelas companheiras...

Mesmo assim, o pastor, que cuidava de suas cem ovelhinhas, sentiu a falta da fugitiva. No aprisco ele contou, logo na manhã seguinte, noventa e nove ovelhas.

Que fez, então, o bondoso pastor?

Deixou as noventa e nove ovelhinhas bem guardadas no redil e partiu em busca da ovelhinha desgarrada.

Andou muito o pobre pastor. Procurou-a pelas pastagens próximas e não a encontrou... Andou, andou muito... Subiu montes e vadeou riachos... Só no dia seguinte, encontrou a pobre ovelhinha deitada, perto de uma colina, machucada pelos espinhos por ter atravessado uma sebe. Já estava sem forças, sedenta e quase morta!...

Como estava arrependida do que fizera! Com que alegria recebeu o pastor amigo que chegava para salvá-la!

O pastor deu-lhe água, pensou-lhe as feridas, acariciou-a, conversou com ela... Colocou-a depois nos seus braços, acomodando-a bem em seu ombro. E voltou feliz, muito feliz, com sua ovelhinha.

Chegando a casa, chamou seus vizinhos e amigos e disse-lhes:

☐ Alegrem-se comigo, meus amigos, porque já achei a minha ovelhinha que se havia perdido.

Assim também ☐ diz Jesus no Evangelho ☐ haverá mais alegria no Céu por um pecador que se arrepende do que pelo bom comportamento de noventa e nove justos.

Também esta parábola, filhinho, como a do Filho Pródigo, quer mostrar a você a Infinita Bondade do Céu para com as nossas almas.

A Parábola da Ovelha Desgarrada nos mostra os cuidados que Jesus tem conosco. Tudo Ele fez outrora, quando viveu neste mundo, e tudo ainda faz hoje, da Eternidade, para chamar as almas pecadoras ao arrependimento. Jesus é Bom Pastor. Ele deu Sua vida por nós, que somos Suas ovelhinhas.

A Parábola nos mostra que, longe do Divino Pastor, nós só podemos encontrar sofrimento, perigos, miséria e morte.

Mas, se nos arrependermos de nossas faltas, não só daremos alegria ao nosso Bom Pastor ☐ JESUS ☐ como também todo o Céu, todos os nossos Amigos e Benfeitores Espirituais se alegrarão imensamente.

Haverá ☐alegria no Céu☐, disse o Senhor.

Não queremos dar contentamento a Quem tudo sofreu pela nossa felicidade?

Não queremos dar alegria no Céu aos nossos Benfeitores Queridos que nos protegem e nos ensinam o Bem?

Que o seu coração, meu filho, também se arrependa de suas faltas, mesmo pequeninas, para dar hoje, HOJE MESMO, uma grande alegria ao nosso Bom Pastor, que do Céu vela por nós e nos espera um dia no Seu Reino.

Autor: (Lucas, capítulo 13º, versículos 3 a 7)
A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Um certo homem tinha dois filhos, que com ele moravam no seu lar.

Um dia, o mais moço disse ao seu pai:

☐ Papai, dá-me a parte da tua riqueza que me pertence. Eu desejo correr mundo, viajar por outras terras, conhecer nova gente...

O velho pai, diante desse pedido, repartiu com ambos os seus haveres, dando a cada um a parte que lhes cabia, de sua fortuna.

Alguns dias depois, o filho mais novo, juntando todas as coisas que lhe pertenciam, partiu para um país distante, muito longe de sua terra natal.

Esse moço, infelizmente, não era ajuizado. Mal chegou ao país estrangeiro, começou a gastar, sem cuidado, todo o dinheiro que possuía. Durante muitos dias não fez senão desperdiçar tudo que tinha. Buscou a companhia de outros rapazes desajuizados e consumiu toda a sua fortuna em bebidas, teatros e passeios. Um dia, viu que a última moeda havia desaparecido e se achava na mais absoluta miséria.

Foi nessa época que uma grande seca reduziu aquele país a uma situação tristíssima. Com a seca, veio a fome. Mesmo nos lares ricos havia falta de pão. A miséria se estendeu, desoladora...

O pobre rapaz, então, buscou um homem daquele país, contou-lhe sua desgraça e pediu-lhe a esmola de um emprego qualquer, mesmo que fosse o pior serviço. E o homem desconhecido o enviou para seus campos a fim de guardar porcos. Os porcos se alimentavam de alfarrobas, que são frutos de

uma árvore chamada alfarrobeira; mas, nem mesmo desses frutos davam ao pobre moço. Os porcos se alimentavam melhor do que ele!

Foi então que o moço começou a pensar no que havia feito com seu bondoso pai, tão amigo, tão compreensivo, tão carinhoso... Refletiu muito... Como fora mau e ingrato para com seu paizinho! Como fora também ingrato para com Deus, desrespeitando o Seu Mandamento, que manda honrar os pais terrenos... Sofrendo a conseqüência de seu pecado, o pobre rapaz arrependeu-se sinceramente de sua ingratidão e de seus dias vividos no erro e no vício...

E pensou, então, entre lágrimas:

□ Na casa de meu pai há muitos trabalhadores e todos vivem felizes pelo trabalho honesto. Vivem com abundância de pão e tranqüilidade... E eu, aqui, morrendo de fome!... Não, não continuarei aqui. Voltarei para minha casa, procurarei meu pai e lhe direi: □Meu pai, pequei contra o Céu e perante ti; não sou mais digno de ser chamado teu filho. Quero ser um simples empregado de tua casa ...

E o moço, como pensou, assim fez.

Abandonando o país estrangeiro, regressou à sua pátria e ao seu lar. Foi longa, difícil e triste a volta, pois ele não mais dispunha de dinheiro para as despesas de viagem. Passou muitas necessidades, sofreu fome e frio, dormiu nas estradas e nas florestas... Nunca abandonou, porém, a idéia de que voltar para casa era seu primeiro dever.

Finalmente, chegou ao seu antigo lar. Antes, porém, de atingir sua casa, seu velho pai o avistou de longe e ficou ainda mais compadecido, ao ver o filho naquele estado de grande miséria. Seu coração paterno, que nunca esquecera o filho ingrato, era todo piedoso. O bondoso pai correu, então, ao encontro do moço. E abraçando-o fortemente, beijou-o com imenso carinho.

Nesse momento, com lágrimas nos olhos, o filho disse ao seu pai compassivo:

□ Meu pai, pequei contra o Céu e perante ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho. Quero ser um empregado de tua casa...

O bondoso pai, porém, que nunca deixou de amar seu filho, disse aos empregados da casa:

□ Depressa! Tragam a melhor roupa para meu filho, preparem uma refeição para ele. Tragam-lhe calçado novo! Comamos todos juntos e alegremo-nos, porque este meu filho estava perdido e foi achado, estava morto e reviveu!

E todos os servos e empregados da casa atenderam imediatamente o velho pai e houve imensa alegria naquele grande lar.

O filho mais velho, porém, não estava em casa.

Achava-se trabalhando no campo. Quando voltou e viu aquela grande movimentação no interior da casa e ouviu as belas canções que os músicos acompanhavam com seus instrumentos, chamou um dos servos e perguntou o que era aquilo.

O servo respondeu:

□ Foi teu irmão que chegou. Teu pai, de tão alegre e feliz, mandou que preparássemos uma ceia e uma festa, porque o jovem voltou são e salvo.

O filho mais velho, cheio de ciúme, revoltou-se contra a bondade de seu pai e não quis entrar em casa.

Em vão, o velho pai chamou-o. Mas, ele lhe respondeu:

▯ Meu pai, há muitos anos que te sirvo, sem nunca te desobedecer e nunca preparaste uma ceia para mim e meus amigos. Mas, para meu irmão, que gastou teu dinheiro nas orgias, em terra estrangeira, tu lhe preparas uma grande festa...

O bondoso pai, querendo vencer a revolta do filho, desviá-lo do seu ciúme e incliná-lo à bondade e ao perdão, disse-lhe:

▯ Meu filho, tu estás sempre comigo e tudo que é meu é teu também. Mas, é justo que nos alegremos com a volta de teu irmão, que é também meu filho como tu. Lembra-te de que ele estava perdido e foi achado. Estava morto e reviveu para nosso amor e para nosso lar.

*

Querida criança: certamente você entendeu tudo que o Senhor nos quer ensinar com a Parábola do Filho Pródigo.

Deus é como o Bondoso Pai da história. Deus é bom, supremamente bom e está sempre disposto a receber Seus filhos arrependidos. É preciso, contudo, que o arrependimento seja verdadeiro como o do filho caçula da história.

Percebeu como foi triste para o moço abandonar seu pai e seu lar? Viu como ele sofreu no país estrangeiro, onde nem mesmo teve as alfarobas que os porcos comiam?

Assim acontece também com as almas que abandonam os retos caminhos de Deus. Sofrem muito, pois quem se afasta do dever e da virtude conhecerá, mais cedo ou mais tarde, as dores do remorso e as tristezas da vida.

Arrependendo-se sinceramente, no entanto, Deus o escuta e usa de bondade a alma arrependida, como o pai da parábola, que é um símbolo de nosso Pai do Céu.

Que você se conserve no bom caminho, meu filho. Mas se sentir que pecou contra Deus ou contra os homens, arrependa-se com a mesma humildade do filho pródigo. Nunca imite o filho mais velho da história, que era ciumento e orgulhoso e não teve compaixão do próprio irmão arrependido.

Deus é nosso Pai Compassivo e Eternamente Amigo. Não nos ausentemos nunca de Seu Amor. Mas, se errarmos, corramos para Ele, na estrada da oração sincera, com o coração arrependido e disposto a não errar mais. Ele nos ouvirá e virá ao nosso encontro, porque não há ninguém tão bom quanto Deus. Nem há quem nos ame tanto quanto Ele.

Autor: (Lucas, capítulo 15º, versículos 11 a 32)

A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Um dia, um pobre homem descia da cidade de Jerusalém para uma outra cidade, Jericó, a trinta e três quilômetros daquela capital, no vale do Rio Jordão.

A estrada era cheia de curvas. Nela havia muitos penhascos, em cujas grutas era comum se refugiarem os salteadores de estradas, que naquele tempo eram muitos e perigosos.

O pobre viajante foi assaltado pelos ladrões. Os salteadores usaram de muita maldade, pois, além de

roubarem tudo o que o pobre homem trazia, ainda o espancaram com muita violência, deixando-o quase morto no caminho.

Logo depois do criminoso assalto, passou por aquele mesmo lugar um sacerdote do Templo de Salomão. Esse sacerdote vinha de Jerusalém, onde possivelmente terminara seus serviços religiosos, e se dirigia também para Jericô. Viu o pobre viajante caído na estrada, ferido, meio morto. Não se deteve, porém, para socorrê-lo. Não teve compaixão do pobre ferido, abandonado no chão da estrada. Apesar dos seus conhecimentos da Lei de Deus, era um homem de coração muito frio. Por isso, continuou sua viagem, descendo a montanha, indiferente aos sofrimentos do infeliz...

Instantes depois, passa também pelo mesmo lugar um levita. Os levitas eram auxiliares do culto religioso do Templo. Esse levita não procedeu melhor do que o sacerdote. Também conhecia a Lei de Deus, mas, na sua alma não havia bondade e ele fez o mesmo que o padre, seu chefe. Viu o ferido e passou de largo.

Uma terceira pessoa passa pelo mesmo lugar. Era um samaritano, que igualmente vinha de Jerusalém. Viu também o infeliz ferido da estrada, mas, não procedeu com: o sacerdote e o levita. O bom samaritano desceu do seu animal, aproximou-se do pobre judeu e se encheu de grande compaixão, quando o contemplou de perto, com as vestes rasgadas e sangrentas e o corpo ferido pelas pancadas que recebera.

Imediatamente, o bondoso samaritano retirou do seu saco de viagem duas pequenas vasilhas. Uma era de vinho, com ele desinfetou as feridas do pobre homem; outra, de azeite, com que lhe aliviou as dores. Atou-lhe os ferimentos e levantou o desconhecido, colocando-o no seu animal. Em seguida, conduziu-o para uma estalagem próxima e cuidou dele como carinhoso enfermeiro, durante toda a noite.

Na manhã seguinte, tendo de continuar sua viagem, chamou o dono do pequeno hotel, entregou-lhe dois denários (*) e recomendou-lhe que cuidasse bem do pobre ferido:

□ Tem cuidado com o pobre homem. Se gastares alguma coisa além deste dinheiro que te deixo, eu te pagarei tudo quando voltar.

*

Jesus contou esta parábola a um doutor da lei que Lhe havia perguntado:

□ Mestre, que devo fazer para possuir a Vida Eterna?

Jesus lhe respondeu que era necessário amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de todo o entendimento; e também amar ao próximo como a si mesmo.

O doutor da lei, apesar de sua sabedoria, perguntou ao Divino Mestre quem é o próximo. Então, Jesus lhe contou a Parábola do Bom Samaritano. Terminada a história, o Senhor perguntou ao sábio judeu:

□ Qual dos três (o sacerdote, o levita ou o samaritano) te parece que foi o próximo do pobre homem que caiu em poder dos ladrões?

□ Foi o que usou de misericórdia para com ele □ respondeu o doutor.

□ Vai e faze o mesmo □ disse-lhe o Divino Mestre.

*

Entendeu, filhinho, a Parábola do Bom Samaritano?

O doutor da lei queria saber quem ele deveria considerar seu próximo, a fim de amar esse mesmo próximo. Mas, Jesus lhe respondeu indiretamente à pergunta, com outra questão: "Quem foi o próximo do homem ferido?" Jesus indagou do doutor da lei quem soube ter amor no coração para o desconhecido padecente da estrada. E o doutor, que era um judeu (os judeus odiavam os samaritanos), confessou que foi o samaritano.

"Vai e faze o mesmo" é a ordem eterna do Mestre. O nosso próximo, filhinho, é qualquer pessoa que esteja em nosso caminho; é qualquer alma necessitada de auxílio; é aquele que tem fome, que tem sede, que está desamparado, que está sofrendo na prisão ou no leito de dor...

Que você, meu filho, imite sempre o Bom Samaritano. Esteja sempre pronto para socorrer quem sofre, como o bondoso samaritano fez, sem qualquer indagação ao necessitado.

Que você faça o mesmo, como Jesus pediu. Nunca pergunte, nunca procure saber coisa alguma daquele que você pode e deve auxiliar. Não se interesse em saber se o pobre, se o doente, se o orfãozinho necessitado é espírita ou católico, se é judeu ou protestante, se é pessoa branca ou de cor. Não se interesse em saber quais as idéias que ele professa ou a política que ele acompanha. Não cultive no coraçãozinho os odiosos preconceitos de raça, de religião ou de cor. Que você olhe apenas as feridas de quem sofre, para pensá-las. Que você enxergue somente a dor do próximo, para aliviá-la.

Imite o Bom Samaritano, filhinho. É Jesus quem pede ao seu coraçãozinho: "Vá e faça o mesmo", sempre, em toda parte, com quem quer que seja.

Este é o caminho da Vida Eterna, com Jesus.

(* O denário era uma moeda romana, em curso na Palestina no tempo de Jesus.

Autor: (Lucas, capítulo 10º, versículos 25 a 37)

A PARÁBOLA DO SEMEADOR

Um semeador, como fazia todos os dias, saiu de casa e se dirigiu ao seu campo para nele semear os grãos de trigo que possuía, honrando a Deus com seu trabalho honesto.

Começou a semeadura. Enquanto lançava as sementes ao campo, algumas caíram no caminho, na pequena estrada que ficava no meio da seara. Você sabe que os passarinhos costumam acompanhá-los os semeadores ao campo, para comer as sementes que caem ao chão? Pois, isso aconteceu em nossa história. Alguns grãos caíram à beira da estrada, e os passarinhos, rápidos, desceram e os comeram.

O semeador, porém, continuou semeando. Outras sementes caíram num lugar pedregoso. Havia ali muitas pedras e pouca terra. As sementes nasceram logo naquele solo, que não era profundo. O trigo cresceu depressa, mas, vindo o sol forte, foi queimado; e como suas raízes não cresceram por causa das pedras, murchou e morreu.

Outros grãos caíram num pedaço do campo onde havia muitos espinheiros. Quando o trigo cresceu, foi sufocado pelos espinhos e também morreu.

Uma última parte das sementes caiu numa terra boa e preparada, longe dos pedregulhos e das sarças.

E o trigo ali semeado deu uma colheita farta. Cada grão produziu outros cem, outros sessenta ou outros trinta...

*

O próprio Jesus explicou a Seus discípulos a Parábola do Semeador.

As nossas almas, filhinho, são comparáveis aos quatro terrenos da história: o terreno do caminho, o solo cheio de pedras, a terra cheia de espinheiros e o terreno lavrado e bom

Jesus é o Divino Semeador. A semente é a Sua Palavra de bondade e de sabedoria. E os diversos terrenos são os nossos corações, os nossos Espíritos, onde Ele semeia Seus ensinamentos, cheio de bondade para conosco.

E como procedemos para com Jesus? Como respondemos à Sua bondade? O modo como damos resposta ao amor cuidadoso do Divino Mestre é que nos classifica espiritualmente, isto é, mostra que espécie de terreno existe em nossa alma. Cada coração humano é uma espécie de terra, um dos quatro solos da parábola.

Vejamos, então, filhinho:

Quando alguém ouve a palavra do Evangelho e não procura compreendê-la, nem lhe dá valor, aparecem as forças do mal (os Espíritos maldosos, desencarnados ou encarnados) e arrebatam o que foi semeado no seu coração, tais como os passarinhos comeram as sementes... E sabe de que modo? Fazendo com que a alma esqueça o que ouviu, dando outros pensamentos à pessoa, fazendo com que ela se desinteresse das coisas espirituais. E a alma fica indiferente aos ensinamentos divinos. O coração dessa pessoa é semelhante ao terreno do caminho, onde a semente não chegou a penetrar. Um exemplo desse terreno é a criança que não presta atenção às aulas de Evangelho, ficando distraída durante as explicações. Ou ainda, a criança que não gosta de ler os livrinhos que ensinam o caminho de Jesus...

E o segundo terreno, o pedregoso?

Esse terreno é a imagem da pessoa que recebe os ensinamentos de Jesus com muita alegria. São exemplos as pessoas entusiasmadas com o serviço cristão, ou as crianças animadas nas escolas de Evangelho, mas cuja animação dura pouco. Quando surgem as zombarias, as perseguições ou os sofrimentos, a alma, que é inconstante, abandona o caminho do Evangelho. Um exemplo para você, filhinho: uma criança está freqüentando as aulas de Moral Cristã numa Escola Espírita. Está aprendendo os mandamentos divinos, os ensinamentos de Cristo, o caminho do bem, da pureza, da honestidade. Está muito contente com o que está estudando. Sente-se animada e feliz. Um dia, aparece um colega do colégio ou da vizinhança, dizendo que o Espiritismo é obra do demônio, que os que freqüentam aulas de Evangelho nas escolas Espíritas ficam loucos e vão para o inferno. E zomba dele sempre que o encontra e lhe põe apelidos humilhantes. O nosso amiguinho não tem ainda firmeza de fé. Tem medo das zombarias dos colegas e dos vizinhos, que dizem que somente sua religião é verdadeira e lhe mandam receber Espíritos na rua. Amedrontado pela perseguição e pelos motejos, o nosso irmãozinho deixa a Escola de Evangelho, onde estava começando a compreender a beleza do ensino de Jesus e as bênçãos do Espiritismo Cristão. Esse menino tinha o coração semelhante ao terreno cheio de pedras, onde a planta da verdade não pôde crescer e frutificar.

O terceiro solo é a terra cheia de espinheiros. É o caso das pessoas que recebem a palavra do Evangelho, mas, depois abandonam o caminho cristão por causa das grandezas falsas do mundo e da sedução das riquezas. Ouviram o Evangelho, mas se interessaram mais pelos negócios, pelos lucros, pelas vaidades da vida, pelo cuidado exclusivo das coisas da terra. Há também, no mundo das crianças,

exemplos desse terreno. São as crianças que conheceram, às vezes desde pequeninas, os ensinamentos de Jesus, mas, depois de crescidas, preferiram os maus companheiros, as crianças sem Deus, e passaram a interessar-se somente pelos problemas de dinheiro ou de modas, pelos ídolos do cinema ou do futebol. Não querem mais nem Jesus, nem lições de Evangelho. Só pensam em automóveis de luxo, sonham com caminhões, imaginam-se ricos "quando crescerem"... A princípio, sabiam repartir com os pobres o seu dinheirinho, porém, agora só pensam em juntá-lo: a caridade morreu nos seus corações. O mundo, com suas riquezas falsas (que terminam com a morte), seduziu suas almas e sufocou a plantinha de Deus em seus espíritos. Trocaram Jesus pelos sonhos e ambições de carros de luxo, de figurinos, de roupas elegantes, de campos de esporte, de concursos de beleza, de grandezas sociais... A plantinha de Deus foi sufocada pelos espinhos do egoísmo e das ilusões da vida material. E morreu...

O quarto terreno, "a terra lavrada e boa", é o símbolo do coração que escuta o Evangelho, procurando compreendê-lo e praticá-lo na vida. É a alma que estuda a palavra do Senhor, percebendo que está neste mundo para aprender a Verdade e o Bem. E, assim, dá frutos de bondade e eleva-se para Deus. Abandona seus vícios e maus hábitos, dedicando-se à prática das virtudes, guardando a fé no coração, socorrendo carinhosamente os necessitados e sofredores e buscando os conselhos de Deus no Evangelho de Cristo.

O coração de uma criança verdadeiramente cristã é o bom terreno da parábola: cada semente de Jesus se transforma em trinta, sessenta ou cem bênçãos de bondade, de fé e de auxílio ao próximo. O coração dessa criança deseja conhecer sempre mais e melhor os ensinamentos cristãos. E se esforça sinceramente para fazer a Vontade Divina: amar e perdoar, crer e ajudar, aprender e servir.

Filhinho, aí está a Parábola do Semeador. Medite nela. Que você, guardando a humildade de coração, se esforce para ser, se ainda não o é, o bom terreno, que recebe os grãos de luz do Divino Semeador e dá muitos frutos de sabedoria e bondade.

Autor: (Mateus, capítulo 13º, versículos 1 a 9, e 18, a 23)